

3ª Parte

Prosa de Ficção

A Armadilha

Eduardo Campos

Para Marly Vasconcelos

Chiquinho da Mamãe levantou-se duas vezes, disposto a sair, e se deixou arrear na cadeira, sem vontade. Amigos, mais íntimos, fazendo ponto ali, também queriam demorar.

O Bar do Mamede, de frequência certa, não reunia mais que a mesma dúzia de bebedores. Chiquinho da Mamãe só de, raro em raro, "dava as caras", sabiam.

Dessa vez, há mais de hora, visivelmente contrariado, premido por circunstância deveras desagradável.

A camisa em que se metia, bastante surrada, à falta de dois botões abria-se-lhe à altura da cintura, a deixar entrevista o cabo de faca, meio sacada da bainha de couro ensebado.

Coniventes todos com a trama do crime que caminhava para acontecer, cientes, a toda certeza, de que a arma seria usada em premeditada vingança, desforra de pobre criatura - desse modo o julgavam os companheiros de bar - urdida, nos últimos dias, contra a esposa infiel.

Nos poucos momentos em que se tentou explicar, Chiquinho da Mamãe não acrescentou mais do que sabiam todos. Vivia vergonhosamente enganado, vítima de despudorada adúltera.

- Não me peçam mais detalhes. Fico triste.

Os companheiros tinham a desdita do amigo, bem aprendida. Rosinha, a esperta esposa, granjeara sucesso no bairro até tornar-se festejada manicura, profissional animada a estranhas afeições por clientes de dinheiro.

O que parecia apenas a preferência mais conveniente por fregueses de pagamento generoso, sem risco de calote, acabou definido pelos vizinhos como "cínica sem-vergonhice de mulher que não se dá a respeito."

Assim foram-se dois ou três anos.

Tempo suficiente para robustecer a irreverência do povo, em falatório, de tal modo o vocal com tamanha ênfase, que Chiquinho da Mamãe sucumbira ao fato, e, afinal dava-se por vencido, a repetir magoado. "Além de pobre, humilhado! Sou enganado pela mulher, todo dia, trocado por qualquer um rico de "merda", que só vale, em rigor, pelo azinhavre do dinheiro..."

Quem não o conhecia?

Bonzinho era! Incapaz de mínima desatenção, cumpridor de obrigações, botava todo respeito quando falava com os outros, "sim, senhor", "sim, senhora"...

Mas podia, mesmo sem jeito de ofender, de vingar-se, perdoar a perfídia da mulher? Curtira a dor de, por algum tempo, a fingir-se indiferente, a tocar para diante a vida de marido passado para trás. Em sendo santo, ainda que se enchesse de virtudes, chegava a hora, como agora, de resgatar a sua dignidade perdida, limpar a honra enxovalhada. Não mencionava assim a novela da televisão?

Tão penosa circunstância o levava àquele encontro com os amigos, a acertar a estratégia de ataque, a de chegar em casa mais cedo, como se nada o vexasse. Partiria dali com o definido plano de assassinar a esposa.

A erguer o copo mais uma vez, deteve-se. Parecia aconselhar-se a si mesmo, alertando: "Cuidado, homem, nada de exagerar na bebida. Você não pode ir à desforra com a cabeça cheia de cachaça".

Então, passou a beber, moderado, certo de não dever partir, para castigar exemplarmente a mulher, a modo de reles embriagado, irresponsável qualquer que, de repente, se dava a desatino, fora de juízo...

Não, isso nunca!

Então, acabaria de tomar aquela dose, muito a vagar, só para encurtar o tempo de espera.

Em mais alguns minutos, não só os colegas de bar, mas todos os vizinhos da rua, receberiam a informação de como agira a dar o basta aos desmandos da mulher, prostituta cínica. Não pagava por esperar...

Pediu ainda uma última dose de aguardente, pequena, - recomendou em voz trêmula - , "não mais que de um dedo..."

A saideira - pensaram os outros.

Viram-no silenciar, permanecer calado, sem nenhuma palavra mais, a dar impressão de que se aconselhava a si próprio. "Sim, sim... Não ouça a desculpa dela... - Não é hora de compaixão... Pão-pão, queijo-queijo."

Podiam jurar os companheiros que Chiquinho da Mamãe acabara de dizer: "Me enjoei de ser cúmplice dessa indignidade..."

Tarde de pouca luz, já.

*
* *

Mais um quarto de hora, por diante, acender-se-iam as poucas lâmpadas dos postes, a clarear os operários voltando do trabalho. Não tardariam estar com as esposas decentes... Até, admitia, brigassem em família, a suceder de um ou outro casal se maltratar, mas nada em razão de malefícios ou perdições.

Levantou-se, decidido, a avaliar impor-se firme ou não sobre as pernas, como convinha.

A mão direita avançou de um lado para o outro e restou pousada no cabo da arma, gesto não despercebido aos circunstantes.

- Vamos! - Era qual dissesse: "o que tem de ser feito, feito será por mim".

Vendo-o sair, João Matoso foi-lhe ao encalço, a modo disfarçado.

Caminhava em pós, passo a passo, na intenção de testemunhar de perto a anunciada morte da manicura.

A tanto, prelibava o acontecimento. Via-se, ao outro dia, entrevistado pela televisão, instado pelo repórter a contar os detalhes mais íntimos da "dolorosa cena de sangue de mais um marido enganado pela esposa infiel".

Estacou a pouco mais de cinco metros, não mais, quando o Chiquinho da Mamãe meteu a chave na fechadura da porta, a

lingüeta fugindo do encaixe em som metálico, a deixar livre a entrada.

Ao pé da parede da sala de visita, pintada de branco-pérola, lá estava a mulher, alheada de tudo, sentada de frente para ele, como se o aguardasse.

A roupa, vestido a mais parecer véu, de tão transparente, desvendava-lhe o corpo escuro, moreno.

Pasmado, o homem tomou funda a respiração, a descobrir por entre os seios dela, qual fosse a longa cauda de carinhosa gata, a trança de cabelos arreados do cocó, desmanchada em grácil meneio de cabeça.

Chiquinho da Mamãe virou-lhe as costas, a um supetão, a figurar apenas preocupado em fechar a porta. Mas não se podia omitir a tão provocante visão, como se ali estivesse a artista do anúncio do sabonete preferido por nove entre dez estrelas do cinema.

Depois de ouvir o estalo da lingueta da fechadura, correr em *clique!* como ratoeira a disparar no silêncio da noite, virou-se outra vez para a mulher.

*
* * *

O vestido nela parecia agora ir-se rompendo de alto a baixo, descendo, caindo, até findar, bem aberto, ao redor de salientes joelhos, por trás dos quais, adivinhadas, roliças e carnudas coxas.

Chiquinho de Mamãe segurou com força a faca.

Ia dar-se naquele exato momento o desfecho de tanta humilhação.

Tinha de matá-la já, quanto antes, cerrados os olhos, ausente da sala e do mundo, se possível. Livrar-se-ia, para toda a vida, da funesta traidora, a mais perdida das criaturas!

Guiou o corpo ofendido para a frente, resoluto, e daí por diante, contar jamais saberia. Acha, mas certeza não tem, a mão soltou-se do cabo da faca, ou essa escapou da bainha, nem sabe como aconteceu, mas certo é que ouviu um ruído de metal batendo

no piso cimentado, fazendo *tlim-tlim-tlim,,,,*. Só. Só? Logo, mas logo mesmo, encostou-se de peito na mulher, a criatura cheirando a bebê saindo de banho de alfazema; e ele, sem entender como, nem porque, de repente atraído, sugado por inteiro pelos braços dela, esbraseados braços que o apertavam cada vez mais.

Ao chão, desabaram os dois. Chiquinho da Mamãe por cima. Não duas pessoas, uma só.

João Matoso, a esse momento, grimpado ao peitoril da janela, pela vidraça partida, que a encimava, queria saber “que diabo estava acontecendo”.

Atrás desse observador improvisado, ao pé da calçada os demais parceiros de bar engrossavam o número de curiosos. E a encompridar-se a expectativa, cobravam-lhe, ansiosos:

– Já matou? Meteu o ferro nela?

E João Matoso, mais interessado em acompanhar o que acontecia no chão da sala, fazia-lhes gestos que queriam significar: “Esperem, tenham calma...”

Quando desceu da janela, nem precisou explicar. Todos podiam continuar a ouvir o sussurrado de Chiquinho da Mamãe e Rosinha, um quer que fosse de emoções íntimas, ardorosamente consentidas.

Alguém revoltado, protestou em nome de todos: “Que pouca vergonha!”

E o grupo, a não esconder a frustração, a pouco e pouco foi-se dispersando...